

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG

Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias

Contemporâneas - CEEAV

Cátia Dutra Mota Souza

**A EVOLUÇÃO DO GRAFISMO VERSUS O DESENHO PRONTO E/OU
ESTEREOTIPADO PARA AS CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS.**

Polo Contagem

2020

Cátia Dutra Mota Souza

A EVOLUÇÃO DO GRAFISMO VERSUS O DESENHO PRONTO E/OU ESTEREOTIPADO PARA AS CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Andréa de Paula Xavier Vilela

Polo Contagem

2020

Souza, Cátia Dutra Mota

A evolução do grafismo versus o desenho pronto e/ou estereotipado para as crianças de 4 a 5 anos. , Cátia Dutra Mota Souza– 2019.

40 f., enc

Orientador(a): Andréa de Paula Xavier Vilela.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 39 -40

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Vilela, Andréa de Paula Xavier. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: CÁTIA DUTRA MOTA SOUZA

O PROCESSO DE EVOLUÇÃO DO GRAFISMO VERSUS O DESENHO PRONTO E/OU ESTEREOTIPADO PARA AS CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: APROVADA.

Professora AndreadePaulaXavierVilela – CEEAV/EBA/UFMG (Orientadora)

Professora Patrícia de Paula Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG (Membro da Banca Examinadora)

Prof. Amir Brito Cador

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes

Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Resumo

Neste trabalho se pretende apresentar a evolução do Grafismo Infantil com o objetivo de compreender como se dá o ensino do desenho na sala de aula na disciplina de artes visuais para crianças de 4 a 5 anos na Educação Infantil - EI. Para isso se fez necessário uma pesquisa teórica e prática, procurando identificar as fases de evolução do desenho e as metodologias que os autores propõem para atividades práticas, um possível conceito de desenho, as tendências pedagógicas, bem como problematizar os desenhos prontos e/ou estereotipados. Também apresenta uma reflexão sobre a prática docente no ensino de arte nesta faixa etária. Percebe-se que o trabalho pedagógico com o grafismo infantil para as crianças de 4 a 5 anos ainda é bastante ignorado por alguns docentes da disciplina de artes. A pesquisa teve como base teórica autores como Edith Derdik, Rosa Iavelberg, Méridieu Florence, Mirian Celeste Martins, Gisa Pcosque e Maria Terezinha Teles Guerra dentre outros. Este estudo também se baseia na análise dos documentos que norteiam o ensino de Arte na Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN e a Base Nacional Comum Curricular- BNCC. Para melhor compreender o processo pelo qual a criança passa foi considerado o desenvolvimento do grafismo na ótica de Georges - Henrique Luquet e Marthe Berson e a experiência em sala de aula que leva em conta o desenvolvimento do grafismo a partir das práticas contemporâneas na educação infantil no intuito de encorajar uma prática contemporânea abrangendo um aprendizado crítico e construtivo.

Palavras-chave: Grafismo Infantil. Desenho pronto e/ou estereotipados. Artes visuais. EI.

ABSTRACT

This work aims to present the evolution of Child Graphism with the objective of understanding how design/drawing is being offered in the classroom in the discipline of visual arts for children aged 4 to 5 years in Early Childhood Education - ECE. For this, a bibliographic research of the authors who discuss the subject was necessary. It presented the phases of evolution of the design and the methodologies that the authors propose in their practical suggestions, the concept of design itself and its amplitudes, pedagogical trends, ready and/or stereotyped drawings.

It also presents reflection on teaching practice in art teaching in this age group. There is a perception that the teaching of child graphism for children aged 4 to 5 years is still quite limited in the teaching practices of the arts discipline. The research was based on the works of Edith Derdik, Rosa Iavelberg, Mirian Martins, Giza Picosque and Maria Terezinha Teles Guerra (org.), among others. Thus, this study permeates points such as: Analysis of documents that guide the teaching of Art in Early Childhood Education, the Law of Guidelines and Bases of National Education- LDBEN and the National Common Curricular Basis - BNCC, Development of graphism from the perspective of Georges-Henri Luquet and Marthe Berson and the Classroom Experience: Development of graphism from contemporary practices in early childhood education. In order to encourage a contemporary practice covering a critical and constructive learning.

Keywords: Child Graphism. Free of stereotypes. Visual arts. ECE.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. DOCUMENTOS QUE NORTEIAM O ENSINO DA ARTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	10
1.1 Correntes Pedagógicas e o grafismo infantil.....	13
1.1.1 O ensino do desenho Infantil: Desenho pronto e/ou estereotipados.....	16
2. DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO-LUQUET E BERSON.....	21
2.1 Mirian Martins, Giza Picosque e Maria Terezinha Teles Guerra(orgs) e Rosa lavelberguma abordagem contemporânea do grafismo infantil.....	24
3. DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO A PARTIR DAS PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
3.1 Evolução do traçado versus o desenho pronto e/ou estereotipados: Vencendo os desafios na prática docente.....	33
3.1.1 Práticas pedagógicas Inovadoras na evolução do grafismo.....	34
3.1.2 Experiência docente.....	40
5. CONCLUSÕES.....	43
6. REFERÊNCIAS.....	44-45

1. INTRODUÇÃO

No intuito de refletir sobre o ensino da Arte e suas distintas manifestações artísticas nas práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem da Educação Infantil (EI) este estudo propõe realizar uma pesquisa de forma a confrontar práticas pedagógicas que consideram a criança como sujeito da sua apropriação do grafismo versus aquelas que se baseiam no desenho pronto e/ou estereotipado para as crianças de 4 a 5 anos. Este trabalho tem a finalidade de compreender como se dá o aprendizado desenho e analisar a eficácia das metodologias adotadas observando quando ainda estão ofertando um conteúdo voltado para os estereótipos. A pesquisa pretende contribuir para as práticas pedagógicas nas aulas de Artes que respeitem o processo de desenvolvimento do grafismo da criança, pois se percebe que, a prática artística tem sido bastante deficiente para as crianças desta faixa etária, o que faz com que a criatividade fique estagnada porque as mesmas não têm os estímulos necessários para avançar na aquisição do seu desenho.

O processo criativo que envolve o desenho na Educação infantil (EI) se tratando da primeira etapa da Educação Básica é extremamente importante para o desenvolvimento da expressão artística das crianças na sua trajetória escolar porque é nesta faixa-etária que a criança tem suas primeiras experiências com o fazer artístico. É um instrumento capaz de impulsionar a criança ao ato de pensar, recriar e construir de forma crítica e reflexiva sua expressão artística. Ofertando a aquisição do conhecimento das diversidades culturais existentes e ao mesmo tempo a produção singular de arte

O estudo foi organizado em três capítulos com base nos documentos que norteiam a educação infantil, nos diversos autores que discordem sobre o assunto e na minha experiência docente com crianças desta faixa etária. O capítulo um trata dos documentos que norteiam o ensino de Arte como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que estabelece que o ensino da Arte seja componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica para promover o desenvolvimento cultural dos alunos e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em que estabelece os campos de conhecimentos para as crianças de 4 a 5 anos propondo conteúdos e objetivos a serem alcançados pelos discentes. O capítulo dois apresenta o desenvolvimento do grafismo na ótica de Luquet e Berson e numa

perspectiva contemporânea apresenta as ideias de Martins, Picosque e Guerra (orgs) e Rosa lavelberg. Já o capítulo três relata a experiência docente e propõe o desenvolvimento do grafismo a partir das práticas contemporâneas na educação infantil.

Optou por uma pesquisa bibliográfica, em termos metodológicos, ancorada nas obras de Edith Derdik, Rosa lavelberg, Martins, Pcosque e Guerra dentre outros autores, que muito acrescentaram para o embasamento teórico/prático deste estudo que também toma como base o que versa da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documentação que regulamenta e norteia o ensino na Educação Infantil.

A escola tem sido um ambiente de aprendizagem muito limitado. O professor que deveria ser um pesquisador capaz de criar suas metodologias, no entanto reproduz os métodos de ensino sem fazer uma reflexão crítica sobre o que está sendo ensinado.

O ensino da arte não deve ser ofertado de forma autoritária na qual o professor é o detentor do saber e o aluno é apenas o mero receptor que reproduz os conteúdos propostos, mas uma aquisição embasada na concepção crítico-reflexiva em que a aprendizagem é construída juntamente com o discente e o aprendizado se dá por meio do fazer e da reflexão sobre o saber adquirido. Neste processo o professor é apenas o mediador, criando possibilidades de adquirir conhecimentos.

1. DOCUMENTOS QUE NORTEIAM O ENSINO DA ARTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

O ensino de arte na escola tem sido discutido por diversos artistas, educadores e pesquisadores no sentido de alertar para a importância da disciplina, no contexto do ensino aprendizagem em todo o percurso da formação escolar desde a Educação Infantil. Existem diversos documentos norteadores que fornecem uma base ao docente na sua prática, além da lei que regulamenta o ensino aprendizagem de Arte na Educação Básica.

De acordo com a LDBEN, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e tem o objetivo o desenvolvimento integral da criança (0 a 6 anos) em diversos aspectos para acrescentar à educação recebida no meio familiar e comunitário. “Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Brasil, p.22)”

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que o At. 26 no § 2º estabelece “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. (Brasil, p.19)

A obrigatoriedade do ensino da arte no currículo da educação básica nos faz refletir sobre as aulas de Arte na educação infantil que é a primeira etapa de ensino desta modalidade. O docente das crianças dessa faixa etária precisa atentar se às inovações para priorizar conhecimentos que contemple a aquisição de competências e habilidades na disciplina. Por isso é importante conhecer a Base Comum Curricular para entender a importância da disciplina e conhecer os conteúdos e objetivos que deve ser alcançado com os bebês, às crianças bem pequenas e às crianças pequenas.

À Luz do ordenamento jurídico brasileiro que rege o sistema educacional, citada acima, o estado deveria criar uma base comum curricular Nacional para nortear o ensino e aprendizagem na educação básica a ser somada com as peculiaridades de

cada região valorizando a cultura, a economia e as especificidades dos alunos residentes no local em que se localiza a escola. (Brasil, 1996)

No ano de 2015 a primeira versão da (BNCC) foi disponibilizada para que cada estado fizesse suas alterações para adequar o conhecimento as especificidades de cada região. Por isso é importante conhecê-la para entender a importância da disciplina e informar sobre os conteúdos e objetivos que deve ser alcançado com os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de natureza normativa que determina as categorias inalteradas e sucessivas de conhecimentos primordiais que todos os alunos precisam adquirir ao longo estágios e modalidades da Educação Básica.

Segundo a proposta apresentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9.394/1996), na educação infantil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propõe um ensino de Arte para crianças de (0 a 6) anos embasado em cinco campos de experiência que estabelece uma organização do currículo.

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. (BNCC, 2016. p.40)

A Base Comum Curricular Nacional (BNCC) permite que a educação infantil ofereça para as crianças pequenas um ambiente de experiência desafiador, estimulante e diferenciado para garantir o desenvolvimento integral da mesma. Define como campo de experiência para o ensino de arte os Traços, sons, cores e forma.

O professor deve criar situações que permitam à criança: Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da

instituição escolar, possibilitar às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. (BNCC, p. 41)

Segundo a Base Comum Curricular (BNCC) a educação infantil deve propiciar momentos de interação em diversos tempos e espaços para a criança manifestar e apreciar a arte para apropriar das competências e habilidades esperadas para a faixa etária. (BNCC, p. 41)

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	(EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.	(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
(EI01TS02) Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.	(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
(EI01TS03) Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	(EI02TS03) Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 19 jun. 2019.

1.1 Correntes pedagógicas e o grafismo infantil

As práticas docentes com base na pedagogia tradicional restringiam o aluno a reprodução de conhecimentos com a oferta de um ensino mecânico concretizado por meio da cópia sem a participação e/ou criação do educando. Neste processo o professor era quem possuía os saberes, enquanto o educando estava ali para receber o aprendizado.

Iavelberg caracteriza o ensino do desenho infantil da escola tradicional do seguinte modo:

Na escola tradicional, o meio ditava a regra de acomodação da criança a modelos para aprender a desenhar, por intermédio da repetição de exercícios de treino de habilidades, a questão técnica ocupava vasta área no que se entendia por criação em desenho, com ênfase no produto. (IAVELBERG 2013, p. 15)

Para Libâneo, a aprendizagem pode ser adquirida por meio de um ensino que estabelece uma reciprocidade de saberes entre os sujeitos do processo, subentendendo que ambos possuem uma bagagem de experiências a serem compartilhadas.

“[...] situar o ensino centrado no professor e o ensino centrado no aluno em extremos opostos é quase negar pedagógica porque não há um aluno, ou grupo de alunos, aprendendo sozinho, nem um professor ensinando para as paredes. Há um confronto do aluno entre sua cultura e a herança cultural da humanidade, entre seu modo de viver e os modelos sociais desejáveis para um projeto novo de sociedade. E há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de distinguir a verdade do erro, para ajudá-lo a compreender as realidades sociais e sua própria experiência. (LIBÂNEO, 1984. p. 44)

A corrente pedagógica liberal renovada conhecida como movimento escola nova iniciou a reflexão sobre o ensino do desenho, pois, idealizou uma prática que reconhece que a criança é criadora e produtiva e que a mesma seria capaz de aprender praticando por meio das próprias vivências e no convívio com os outros.

“A educação é a vida presente é parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valoriza a auto educação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo., (LIBÂNEO, 2012).”

Neste período há uma enorme discussão sobre a construção da autonomia de criação da criança e o desenho de livre expressão é considerado como forma de garantir um processo subjetivo e singular do aprendiz.

O ensino da arte, portanto, direciona para a expressão livre da criança e o reconhecimento do seu desenvolvimento natural. As novas expressões artísticas fortaleceram o reconhecimento e a valorização do desenho espontâneo, por exemplo, como condição para um novo processo educativo no qual aprender é igual a aprender fazendo e com liberdade. (Ferraz, p. 49 2012)

Freire argumenta que na sala de aula o respeito a capacidade de criar é uma palavra que exprime ordem e não uma opção para do professor e a desobediência pode ser uma infração.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. (FREIRE, 1996 p.25)

A tendência pedagógica crítico-social dos conteúdos propõe que a aquisição de conhecimentos pela criança se dá por meio da troca de experiência entre educando e educador. Pois aquele possui uma bagagem de experiências sendo capaz de produzir com criatividade. O docente é apenas o mediador do processo, aquele que oferece oportunidades de experimentação partindo do pressuposto de que ele adquiriu um capital cultural que o especializa para esse fim.

Ao admitir um conhecimento relativamente autônomo - assume o saber como tendo um conteúdo relativamente objetivo, mas, ao mesmo tempo, introduz a possibilidade de uma reavaliação crítica frente a esse conteúdo. Como, sintetiza,

ao mencionar o papel do professor, trata-se, de um lado, de obter o acesso do aluno aos conteúdos, ligando-os com a experiência concreta dele - a continuidade; mas, de outro, de proporcionar elementos de análise crítica que ajudem o aluno a ultrapassar a experiência, os estereótipos, as pressões difusas da ideologia dominante - é a ruptura. (LIBÂNEO, p. 31 2012).

Entende-se que houve uma evolução teórica enorme em relação ao ensino aprendizagem de Arte, as correntes pedagógicas nos direcionam para uma prática mais eficiente priorizando competências e habilidades que ampliem a aquisição de conhecimentos mais atrativos para a criança.

Freire discorre no livro a pedagogia da autonomia que numa visão crítico social ou progressista de aprendizagem o professor é o mediador do processo de aquisição de conhecimento compreendido que ensinar é proporcionar oportunidade de criação aos educandos.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996 p. 21)

Por isso, a apropriação dos saberes da disciplina de Artes Visuais de forma a elevar o potencial criador da criança de 4 a 5 anos, se efetiva a partir de metodologias ancoradas nas reflexões apresentadas. Numa perspectiva construtivista em que o discente é o protagonista do seu processo de evolução do desenho por meio de práticas contemporâneas que valoriza as especificidades da criança e o capital cultural adquirido no meio social no intuito de formar cidadãos autônomos, críticos e ativos que possam mudar a sociedade.

1.1.1 O ensino do desenho Infantil: Desenho pronto e/ou estereotipados

O desenho infantil tem sido ofertado na sala de aula muitas das vezes sem questionamento sobre como as crianças aprendem a desenhar. É preciso refletir sobre o processo evolutivo do desenho na Educação Infantil, sem as imposições de um adulto por meio dos desenhos prontos e/ou estereotipados.

Para isso, é interessante trazer algumas reflexões sobre o desenho. Coelho define da seguinte forma:

Historicamente, o desenho tem sido entendido como uma marca, traço ou linha que configura e subordina-se a uma forma. Ao contornarmos a sombra de uma árvore sobre o chão, realizamos uma ação, expressão de uma vontade, que define uma forma, uma posição e uma estrutura sobre o plano bidimensional, em que o chão se constitui. (COELHO 2000, p. 54)

Levelberg (2013), explica que o desenho é a linguagem que serve de meio para diversos tipos de expressões artísticas, como pintura, escultura ou gravura. Vários projetos da arte contemporânea, como instalações e intervenções no espaço, utilizam do desenho para sua preparação e sua prática. Além disso o desenho de produtos como: Objetos, cartazes e embalagens, e as produções artísticas (desenhos animados e histórias em quadrinhos), também fazem uso desta linguagem.

Para Coelho (2008) o desenho é muito mais que métodos e processos praticados de forma mecânica, mas, um caminho que induz a criação de suas particularidades singulares.

“O desenho não deve ser reduzido nem a técnica, nem à ação de desenhar, ainda que ela seja o veículo imprescindível da materialização da ideia. Ou seja, os materiais e procedimentos apenas orientam e predispõem a aparição de certas qualidades, tornando visíveis os problemas ou questões da obra. (COELHO, 2008, p.57).”

Coelho (2008), no texto O Desenho ou a Vontade do Seguinte argumenta que o conceito de desenho é muito amplo. Embasado em Moraes (2005) explica que desenho:

É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa – linha, traço, rabisco, garatuja, mancha, borrão, pincelada, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos linguísticos e matemáticos, fórmulas científicas, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, esfregaduras, carimbos (MORAES apud COELHO 2008, p.53).

lavelberg (2013), o desenho é prática e reflexão. É específico de cada criança podendo se realizar somente por ela. Ao desenhar a ação, percepção e imaginação estão juntas. A criança tem noção do que está fazendo porque o corpo, a capacidade e o aprendizado do desenho que ela já possui vêm à tona e ela usa esta bagagem que possui para se expressar por meio do desenho.

Desenho pronto e/ou estereotipados

No cotidiano escolar não há metodologias impostas pelo sistema de ensino, por isso, os professores possuem uma autonomia didática e para facilitar sua atuação adotam livros didáticos ou imagens impressas da internet para as crianças colorir nas suas aulas de Arte.

Muitas das vezes os temas selecionados são as datas comemorativas e os personagens de filmes e desenhos, paisagens, enfim. Em outros momentos de o professor geralmente desenha no quadro para a criança fazer a cópia e observa-se que a criança sempre tem que seguir os padrões impostos socialmente nas formas e cores.

A árvore tem que ser redonda, o caule marrom, o sol deve ser um círculo com algumas retas ao redor, a casa tem que ser um quadrado com um círculo em cima para representar o telhado e a flor é o círculo com alguns semicírculos ao redor... Quando uma criança desenha uma casa, uma árvore diferente alguns docentes dizem que aquilo não é casa e nem árvore.

A prática pedagógica que prioriza os desenhos prontos e/ou estereotipados deixa a criança estagnada acreditando ser incapaz de desenhar. Desse modo ela para de

desenhar ou começa a fazer a cópia fiel dos grafismos prontos que lhes são ofertados, isso impossibilita uma evolução natural do seu grafismo e impede a criança de construir seu estilo subjetivo.

Derdik (1994) acrescenta que construir conhecimento sobre o grafismo por meio da cópia é como se o docente estivesse subestimando o ser pensante e impedindo o mesmo de criar autonomia sobre a sua produção, além torná-la incapaz de arriscar e lidar com as frustrações.

Todo ensino que se baseia na cópia não é ensino inteligente, pois não considera a criança como ser cognitivo.

Fornecer um modelo a ser copiado exclui a possibilidade da criança selecionar seus interesses reais; ao selecionar e eleger a criança está exercendo uma apropriação de recortes da realidade.

O ensino inteligente e sensível depende de ensaio e erro, de pesquisa, investigação. (DERDYK, 1994. p.108)

Vianna (1995) argumenta que os desenhos estereotipados inibem a criatividade e impede que a criança se expresse e construa seu traçado.

“Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva, embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades. Estereotipar que dizer simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples.” (VIANNA, 1995, p.4)

O processo de aquisição do desenho deve ser oferecido de forma criativa e não como cópia de imagens prontas para a criança colorir porque se assim fizer o docente estará impedindo a criança de pensar e construir suas maneiras de desenhar.

O desenho não é mera cópia, reprodução mecânica do original. É sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito. (DERDYK, 2015, p.114)

Para Lavelberg (2013, p.26) o desenho que já está pronto e acabado sem necessidade de nenhuma ação construtiva impede o progresso da criança e a mantém paralisada em seu percurso criativo. “O desenho estereotipado, aquele que se repete sem transformações, é fruto de estagnação da criança em uma fórmula que lhe dá segurança. Indica falta de processo criativo e pode surgir na educação infantil.”

Ostrower (1977) defende que a capacidade de criar está diretamente ligada ao ser humano e o sujeito desse processo precisa desenvolver seu potencial criativo. Portanto o ato criativo deve ser explorado no cotidiano escolar para a criança avançar em suas construções expressivas.

À medida que o docente oportuniza a evolução criativa do desenho, torna-se possível a criação de um estilo próprio de cada criança dessa faixa-etária. Percebe-se que o papel do docente é ofertar um ambiente de conhecimento, para a criança interagir e criar diversas formas de expressar no que se refere ao desenho.

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia. (OSTROWER, 1977. P.26)

O desenho deve fazer parte do dia a dia escolar porque quanto mais à criança desenha mais ela sente vontade de desenhar. O professor precisa oferecer um ensino longe dos desenhos prontos e/ou estereotipados, e assim, oportunizar a experimentação por meio de vários suportes e o contato com diversas obras de Arte para a criança juntamente com sua experiência possa construir seu repertório artístico.

O fortalecimento do aluno no papel de desenhista pode ser importante. Essa ação do professor bastará para algumas crianças se desprenderem dos estereótipos.

Mas, em geral, é preciso criar intervenções didáticas, como as de sugerir meios e suportes diferentes, oferecer imagens da arte para a criança trabalhar a partir delas ou vincular seus desenhos às suas experiências. (Lavelberg 2013, p.26)

O educando tem papel principal na aquisição do desenho, o docente adota apenas a tarefa de criar metodologias e oferecer os materiais adequados para ela exercitar a criação. Por isso o docente deve ampliar seu capital cultural por meio de visitas a museus, galerias e exposições de arte para conhecer os espaços que oferecem essas riquezas, e, em seguida promover excursões com os alunos. Com isso eles podem conviver, interagir com os conhecimentos em Artes e suas múltiplas linguagens.

2. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO SEGUNDO LUQUET E MARTHEBERSON

O processo evolutivo do grafismo acontece de acordo com o amadurecimento físico, cognitivo e motor. Há autores como Georges-Henrique explicam a evolução do grafismo por etapas de progresso com base na idade da criança. Segundo ele, tal processo se dá em quatro estágios:

1) Realismo fortuito

Este período inicia aproximadamente aos dois anos, quando os traços da criança deixam de ser os rabiscos e apresenta relação de semelhança entre as coisas por meio da forma. Então ela percebe a qualidade do seu desenho.

2) Realismo fracassado

Este estágio é caracterizado como fracassos e sucessos parciais são alcançados pelas crianças da faixa etária de três a quatro anos. À medida que a criança vai estabelecendo relações entre os aspectos físicos dos objetos e seres com o seu desenho.

3) Realismo intelectual

Estágio mais importante que inicia aos quatro anos e expande-se até os dez a doze anos. Nesta fase a expressão é realizada com base em dois segmentos: o plano deitado em que o desenho é feito de forma deitada a volta do centro e a transparência que efetua quando a criança desenha as coisas que deveriam estar invisíveis.

4) Realismo visual

É o estágio final em que fixa todos os outros apresentados anteriormente. Inicia em algumas crianças aos oito ou nove anos, mas, em geral se dá a partir dos doze anos. Quando a adolescente evidencia a técnica de representação tridimensional e se submete a suas regras e o desenho fica desprovido de recursos próprios. (LUQUET, apud MÈREDIEU, 2006)

Mèredieu Florence (2006) apresenta uma análise crítica a respeito dos estágios definidos por Luquet (1927) e aponta algumas lacunas deixadas pelo autor. Segundo ele:

Embora tenha sido o primeiro a distinguir as grandes etapas do grafismo infantil, [...] sua análise é insuficientemente explicativa. Não explica o nascimento da representação figurativa e tampouco a passagem de um estágio para outro. Particularmente, não se fica sabendo por que o desenho, em certo momento, acaba por empobrecer-se e desaparecer. Tais estágios formam planos fixos, instantâneos, para fixar características que assim se tornam mais facilmente reconhecíveis. Mas restaria situar todos esses dados numa perspectiva genética que pudesse não apenas descrever, mas explicar. (MÈREDIEU, 2006, p. 22)

Segundo a autora Luquet não esclarece o motivo pelo qual o desenho na fase do realismo visual fica desprovido de recursos próprios e extingue-se por isso o estudo feito pelo autor apresenta algumas falhas.

Para Edith Derdyk (2015) a expressão artística da criança perde a subjetividade e ela pára de desenhar devido a iniciação do processo de alfabetização, porque há uma prioridade da leitura e escrita e o incentivo ao desenho torna-se menos interessante

A experiência no trabalho com crianças em instituições de ensino do país nos leva acrescentar à observação de Derdyk que a criança para de desenhar também porque muitas aulas de arte são dadas de forma a desestimular o desenvolvimento do desenho, pois adotam como método fazer a criança colorir desenhos prontos. Quando a criança recebe uma imagem pronta, apenas para colorir, não precisa fazer nenhum pensamento crítico sobre aquele trabalho. A tarefa torna-se mecânica além de ser bem mais fácil de realizar. Desenhar perde o sentido e ela passa a acreditar que o seu desenho é feio, pois, não tem similaridade com a realidade, logo ela conclui que não sabe desenhar.

Também há uma cobrança enorme da família sobre o aprendizado da leitura e escrita e a escola quer ser reconhecida sendo a que melhor alfabetiza e mais rápido. Daí a área do desenho não tem a mesma prioridade que a alfabetização. É necessário um entendimento da importância de desenhar porque as crianças devem ser ensinadas e incentivadas a desenhar, não há aprendizado que ocupe o primeiro lugar na hierarquia do saber, todos são importantes na formação e no desenvolvimento do sujeito.

O que tenho observado, é que a escola forte é medida pela quantidade de material mimeografado contendo exercícios repetitivos e mecânicos, que atestam a quantidade de horas que a criança passou sentada executando, e que levados para casa garantam aos pais que rapidamente a criança estará lendo e escrevendo. (MOREIRA, 1987 p. 66)

Berson (1966) apud Mèredieu (2006) defende que o desenho começa a partir dos rabiscos. E apresenta três fases do rabisco:

a) Estágio vegetativo Motor acontece com um ano e seis meses aproximadamente é o momento que a criança começa a fazer movimentos circulares sem tirar o lápis da folha. Berson define o período de simples excitação motora.

b) Estágio representativo aparece entre dois ou três anos e marca o surgimento de formas separadas, a criança evolui do rabisco sem interrupção para o traço tirando o lápis do lugar em um ritmo mais lento. Nesta fase ela tem a intenção de desenhar objetos.

c) Estágio comunicativo aparece entre três e quatro anos. Neste período a criança passa a copiar o adulto e cresce a vontade de registrar e comunicar com os outros.

No cotidiano escolar alguns docentes ignoram a fase do rabisco das crianças.

Em sua análise acerca das fases evolutivas Mèredieu (2006) argumenta que o rabisco deve desaparecer e que caso persista alguns autores atribuem a algum cansaço da criança ou mesmo a alguma patologia. O docente deve estimular a mudança de fase da criança permitindo o avanço com criatividade para que ela se aproprie do desenho e crie seu próprio estilo gráfico. Espera-se que no final dos estágios o sujeito se transforme num criador capaz de continuar seu percurso artístico e se consolidar como sujeito criativo.

Portanto a fase inicial do processo de aquisição do desenho das crianças é muito importante, os rabiscos devem ser valorizados pelos docentes, permitir que elas desenhem todos os dias com diversas técnicas oportuniza uma evolução espontânea de representação de imagens. Por meio dos traços e formas construídos que ela vai descobrindo suas especificidades no ato de desenhar.

2.1. Martins, Picosque e Guerra(orgs) e Lavelberg uma abordagem contemporânea do grafismo infantil

Mirian Martins, Giza Picosque e Maria Terezinha Guerra (1998), explicam que o processo de evolução do grafismo infantil é uma ciranda da metamorfose expressiva e as autoras organizam um estudo sobre o desenvolvimento expressivo em quatro movimentos. São movimentos que estão sempre girando na ciranda e um não é pré-requisito para a aquisição do outro. Para elas dividir o processo de aquisição do grafismo na infância em etapa é irrelevante devido ao fato de que cada criança possui um ritmo de amadurecimento psíquico, cognitivo e motor

Segundo Martins, Picosque e Guerra(1998), a criança pequena vivencia o seu primeiro movimento artístico: pesquisando, experimentando e inventando sua arte. Por isso é imprescindível propiciar situações de observação, exploração e reconstrução do ambiente de sua vivência incentivando a criação subjetiva do desenho.

Martins, Picosque e Guerra (1998) explicam claramente como se dá esse processo no primeiro movimento considerado intuitivo de Ação – Pesquisa – Exercício em que a criança vivencia até os 2 anos.

Uma criança pequena, se pudesse narrar suas histórias desde que era um bebê, talvez nos contasse essas arteirices artísticas. A criança olha, cheira, toca, ouve, se move, experimenta, sente, pensa [...] desenha com o corpo, canta com o corpo, sorri com todo o corpo. Chora com todo o corpo. O corpo é ação/pensamento [...] se dá na sensação, na percepção, sempre pelo sentimento [...] é tocada pelas cores, pelas texturas e formas. reage esteticamente a isso produzindo garatujas (Martins, Picosque e Guerra 1998, p. 96-97)

Nesta fase é importante que o professor ofereça diversas possibilidades de exploração, criação para a criança avançar sem intervenção dos desenhos prontos.

Martins Picosque e Guerra (1998) destacam que nesta fase a criança expressa por meio de garatujas gráficas, sonoras e corporais com traços longitudinais e circulares sendo visível nos atos de alimentar quando a criança faz movimentos circulares no prato e longitudinais ao conduzir a colher para a boca e no manuseio da massinha

ela produz bolinhas e cobrinhas. É importante que o professor ofereça diversas possibilidades de exploração, criação para a criança avançar sem intervenção dos desenhos prontos.

Já no segundo movimento vivido entre os 2 a 7 anos, movimento nomeado de intenção-símbolo, Martins, Picosque e Guerra (1998) afirmam que neste momento a expressão artística do desenho da criança começa surgir de várias formas.

A arte plástica inicia por meio das criações tridimensionais, pois as bolinhas e as cobrinhas vão virando objetos. No desenho a passagem se dá lentamente dos rabiscos para as primeiras tentativas de letras. A criança começa a diferenciar desenhos de letras e as figuras humanas começam a aparecer. Os desenhos aparecem soltos no espaço e não há uma organização das cenas no papel, elas se expressam através da fala, as cores também são distantes da realidade, pois usa qualquer cor para colorir o desenho e não a que a cultura impõe. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA 1998, p.97)

As autoras explicam que Gardner caracteriza esta fase de movimento simbólico e tem particularidades comuns aos estudos de outros pesquisadores do desenho infantil, pois, esclarece sua natureza semiótico e representacional. A mesma cita Piaget como teórico que inclui o movimento simbólico na estágio pré-operatório de dois a sete anos de idade. (Martins, Picosque e Guerra 1998)

O terceiro movimento chamado organização-regra, Martins, Picosque e Guerra (1998) esclarecem que esse movimento é marcado pela descoberta dos símbolos então a criança sente vontade de registrar tudo. Gardner nomeia a fase de notacional.

De acordo com Martins, Picosque e Guerra (1998) quando a criança alcança esse movimento na ciranda da metamorfose, à mesma adquire uma capacidade de apontar os pontos negativos e positivos na sua produção. A criança faz um paralelo entre a sua arte e a expressão artística existentes usa as cores impostas pela cultura por isso o desenho perde as características singulares e a mesma para de desenhar.

Nesta fase é importante o professor oferecer novas possibilidades de desenhos acrescentando outras referências nos seminários ou por meio de análises sobre a produção. “Agora a criança tem a intenção de buscar verossimilhança em sua representação, procurando convenções e regras com certa exigência”. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA 1998, p.109)

O docente deve ofertar materialidades diversificadas para a o aluno atentar-se que desenhar é fantástico e abrange um processo criativo. Desenvolve a percepção que ela pode criar sua arte sem precisar copiar o que o professor impõe muitas das vezes sem reflexão sobre a sua atuação pedagógica.

A criança vai perceber, ao fazer uso de muitos materiais, que desenhar tem magia porque envolve a imaginação. Não cabe a ela imitar truques ou seguir passos ditados por professores para desenhar. Esses equívocos didáticos a distanciam de sua competência desenhista e imaginativa. (IAVELBERG, 2013 p.49)

O quarto movimento é chamado pelas pesquisadoras acima citadas de Poética-pessoal inicia-se no período da adolescência neste momento o adolescente está vivenciando um conflito de identidade. Gardner denomina esse movimento de conhecimento conceitual formal enquanto Piaget de estágio das operações formais. Há um aprimoramento do pensamento abstrato e figurado.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998) esse período é marcado pelo gosto de manusear e investigar sob um olhar singular de apreciar o mundo, se apropriando da linguagem do desenho na busca pelo estilo próprio, misturando técnicas e diversidades culturais e criando sua forma de expressão.

As autoras comentam ainda que “Segundo Gardner, a preocupação nascente com as formas abstratas pode também ser vistas no curioso fenômeno que ele chamou de doodles, rabiscos sem sentido, que estão nas carteiras, nos banheiros, nas agendas, na rua.” (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA 1998, p.117)

Nesta fase o professor deve propiciar momentos que inspire o aluno a construir seus conhecimentos de desenho para que ele possa avançar senão o adolescente pode ser autodidata pesquisando mais sobre o desenho ou ficará estagnado.

IABELBERG, (2013) chama de momentos conceituais as fases de evolução do desenho infantil e determina as fases do desenho cultivado como: Desenho de ação. Desenho de imaginação I, Desenho de imaginação II e desenho de apropriação.

Desenho de ação

É a prática de diferentes formas de organização de linhas sem significado representativo. São os rabiscos e os diagramas, feitos com linhas ordenadas em combinações angulares e/ou circulares, são profundamente exercitados, explorados e investigados pela criança.

(Martins, Picosque e Guerra 1998), também acreditam que neste período de desenvolvimento a criança deseja explorar os objetos e manifesta sua criatividade por meio de rabiscos, garatujas sem nenhuma intenção representativa.

Desenho de imaginação I

Momento que a criança já faz o pensamento representativo, sua produção começa a aparecer algumas coisas por isso ela nomeia enumera o seu desenho, pois ela já possui uma bagagem de conhecimento de mundo. Os desenhos começam a ter forma de sóis, peixes, bolas, que constitui símbolos.

Desenho de imaginação II

Fase que a criança se apropria de meios para estabelecer relações entre os objetos e coisas. Ela narra a história, descreve ambientes e imagens do seu desenho. A criança continua com o mesmo entendimento antes adquirido e vai ampliando à medida que entra em contato com outras obras e artistas.

A criança pensa que pode desenhar o que quiser e amplia seu vocabulário gráfico.

Desenho de apropriação

Neste período aumenta a vontade de seguir as regras do desenho mais voltado para a cultura prendendo-se aos princípios e apropriar-se da representação do espaço, criação de formas e arranjos, seus desenhos ficam parecidos com as imagens reais. A criança fica presa aos modelos que vê e conhece, mas não a impede de avançar porque é um requisito para alcançar o próximo período.

Desenho de proposição

Período que o adolescente já construiu o seu desenho, ainda não possui as habilidades de um artista maduro, entretanto já adquiriu autonomia sobre a sua criação o desenho evidencia formas relacionadas com a sua faixa-etária e os mesmos usam os procedimentos para compor sua arte.

Por isso o processo de desenvolvimento do grafismo infantil sob a ótica das autoras em que apresentam diversos momentos e/ou fases serve para nortear a ação docente e mostrar o ponto de partida do ensino aprendizagem. Fica evidente que à medida que a criança cresce o desenho adquire formatos diferenciados e as crianças ampliam seu repertório artístico desenhando cada vez mais conforme a realidade. Ao docente cabe estar atento a cada movimento conceitual e/ou fase para criar metodologias contemporâneas que proporcione efetivamente a apropriação do desenho.

Contudo, O docente deve estimular a mudança de fase da criança permitindo o avanço com criatividade para que ela se aproprie do desenho e crie seu próprio estilo gráfico. Espera-se que no final dos estágios o sujeito se transforme num criador capaz de continuar seu percurso artístico e futuramente se tornar um cidadão crítico e ativo ou até se consolidar como artista.

Atualmente, as práticas pedagógicas propõem inúmeras reflexões sobre o papel do professor. A sala de aula é um ambiente rico em diversidades culturais e exige uma dinâmica muito grande por parte do docente, por isso é preciso pensar sobre a formação docente para exercer uma prática crítica e reflexiva.

Freire argumenta que é preciso aprender para ensinar e ensinar para aprender por isso “não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa se ensino” (FREIRE, 1996, p.14)

O docente necessita se preocupar com a sua formação pedagógica e com a qualidade do aprendizado ofertado para seus alunos saindo do comodismo e buscando meios de se especializar naquilo que lhe causa inquietude e desinformação participando de seminários, palestras, debates e conferências no intuito de capacitar para a função que exerce.

Porque só haverá uma transformação no ensino e aprendizagem do desenho na sala de aula e a apropriação do conhecimento de Artes e sua diversidade lingüística na Educação Infantil quando os docentes oferecerem um ensino por meio de

metodologias inovadoras. Boas propostas surgem a partir do momento que se reflete sobre suas práticas docentes e busca ampliar seu capital cultural.

3. DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO A PARTIR DAS PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ensino aprendizagem de Artes na sala de aula na atualidade tem sido desafiador, principalmente na educação infantil de 0 a 5 anos porque os conteúdos e objetivos ofertados às crianças desta faixa etária são interdisciplinares por meio de projetos e quem leciona a disciplina é o pedagogo. No entanto, os cursos de formação de professores desta faixa-etária geralmente não priorizam a aquisição de competências e habilidades da disciplina e a carga horária dedicada ao aprendizado da mesma é bem mínima. Por isso há uma defasagem na formação do docente de Artes para a educação infantil e conseqüentemente, na aquisição de conhecimentos dos discentes na disciplina.

O docente deve ficar atento às inovações proporcionando a si mesmo uma formação continuada que o habilite para tal. Para Paulo Freire (1996) “o professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.” (FREIRE 1996, p. 56.

É necessário oferecer um aprendizado do desenho que estimule a criação abstendo de práticas errôneas de reprodução de conteúdos prontos sem a participação e criação do educando. O docente deve lecionar numa perspectiva crítico-reflexiva dos conteúdos que a criança é o sujeito ativo no seu processo criativo, em que a mesma é ponto de partida e possui um capital cultural que vai ampliando progressivamente. Por isso o trabalho docente deve ser iniciado partindo do conhecimento que a criança já adquiriu. O educando que apontará os caminhos a serem percorridos e o professor deve apropriar-se das preferências, da cultura regional para assim ampliar o conhecimento de mundo destas crianças. Considerando essas questões este trabalho aborda a evolução do grafismo para as crianças de 4/5 anos quando não há influências dos desenhos prontos e/ou estereotipados.

IABELBERG (2017) acrescenta que em cada fase conceitual a criança precisa de receber estímulos adequados para alcançar o momento subsequente. Para a autora

nesta faixa-etária algumas crianças estão no momento desenho de ação, outras no momento de desenho de imaginação I e há aquelas que já alcançaram o momento de imaginação II.

Martins, Picosque e Guerra (1998) defendem que nesta idade a criança está vivenciando o movimento de intenção-símbolo que geralmente é vivido entre os 2 a 7 anos, mas não é uma regra porque a criança faz o movimento na ciranda da metamorfose e ela pode ir e vir sempre.

No início desse movimento a criança ainda expressa por meio da garatuja ou está no movimento de ação, mas logo começa a representar as figuras que ela visualiza nas interações culturais assim, surgem imagens de animais, paisagens, carros, entre outros.

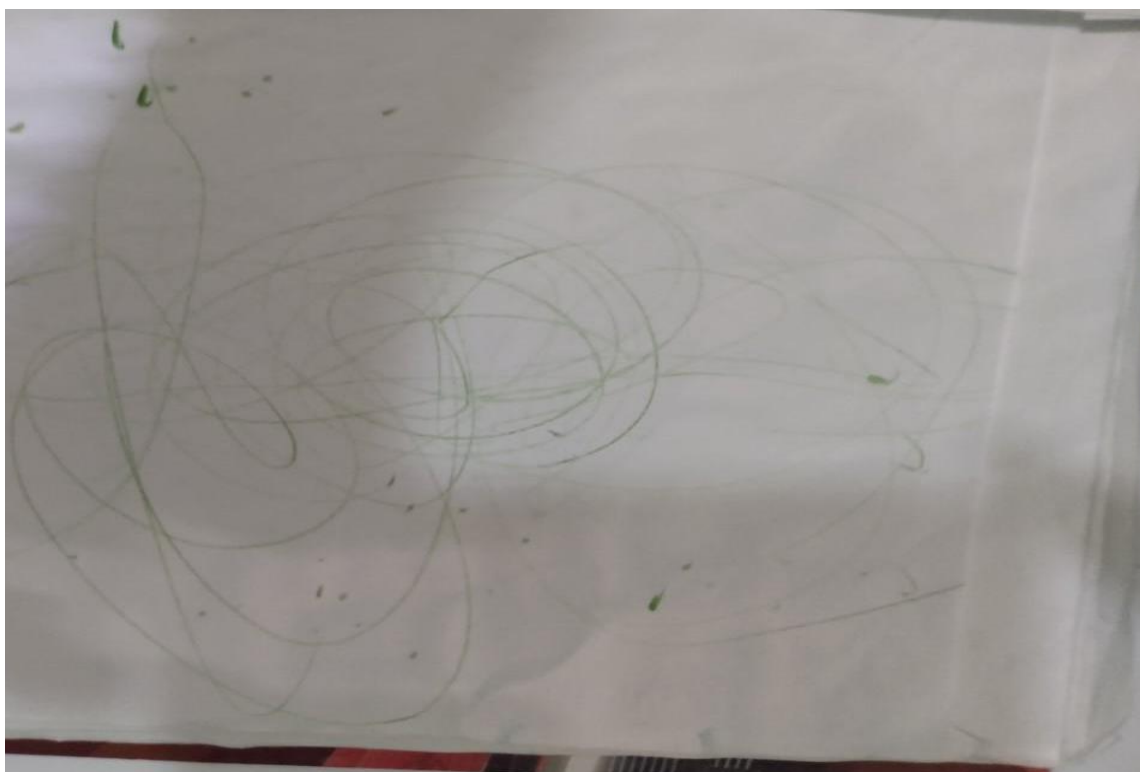


Figura 1 Garatuja ou movimento de ação. Criança de 4 anos, Tam.100X150. 2019

Nestes momentos a criança fica desenhando o tempo todo se deixá-la, por isso ela precisa ser inserida nas oficinas de desenho, desenhar todos os dias com diferentes materiais e suportes. Assim ela percebe a importância de desenhar e começa a ampliar seu repertório. Quanto mais ela desenha mais ela percebe os traços, as formas reais dos objetos e começa a acrescentar outros conteúdos ao seu desenho.

A criança vai perceber, ao fazer uso de muitos materiais, que desenhar tem magia porque envolve a imaginação. Não cabe a ela imitar truques ou seguir passos ditados por professores para desenhar. Esses equívocos didáticos a distanciam de sua competência desenhista e imaginativa. (IAVELBERG, 2017. p.49)

É o momento em que a criança quer criar novas possibilidades de representação de coisas reais e da imaginação de forma singular por isso é crucial estimular a evolução do desenho sem a interferência das imagens prontas e/ou estereotipadas porque a criança vai construir seu traçado.

A (BNCC) Base Comum Curricular propõe que o ensino de Arte na educação infantil deve permitir à criança manifestar a linguagem visual interagindo com materiais variados e desenhando de forma livre para criar suas produções bidimensionais e tridimensionais. Se o docente permitir o desenho de objetos reais, observação da natureza, leitura de imagens, interação direta com obras e artistas, os desenhos diversificados e a exploração das cores sem imposição de estereótipos serão imprescindíveis para a apropriação do desenho e surgirá um traçado mais subjetivo possivelmente o futuro artista. No entanto uma prática mecânica, desprovida de recursos que encoraja a criança irá limitar a sua criatividade e impedir um avanço significativo.

3.1 Evolução do traçado versus o desenho pronto e/ou estereotipados: Vencendo os desafios na prática docente

Atualmente ainda é uma prática muito presente no cotidiano escolar nas aulas de Arte serem oferecidas imagens impressas da internet ou xerocadas dos livros didáticos para a criança colorir acreditando ser um exercício de coordenação motora, respeito ao limita (colorir sem ultrapassar as linhas) ou muitas das vezes como modelo para a criança copiar. Há quem desenhe cenas no quadro, como uma paisagem, e peça para a criança seguir os traços que geralmente são padronizados. As crianças seguem os traços, formas, cores e a organização ditadas pelo docente, que muitas das vezes, não possui formação específica para ensinar arte.

Embora ainda ocorra, essa prática já foi abolida há muito tempo Pois Luquet (1967), Mèridieu (1974), já defendiam práticas pedagógicas mais inovadoras no que diz respeito a aquisição do desenho infantil livre dos desenhos prontos e estereotipados. Já numa abordagem contemporânea Martins, Picosque e Guerra (1998), Derdyk (2015), lavelberg (2017), entre outros teóricos explicitam que a criança tem potencial suficiente para evoluir no seu processo criativo sem a intervenção do professor por meio de práticas arbitrárias capazes de impedir seu desenvolvimento criativo do desenho. Isso nos faz refletir sobre o que estamos propondo para nossas crianças aprenderem a desenhar? Quais metodologias o docente deve apropriar-se para ofertar um aprendizado criativo do desenho?

Martins, Picosque e Guerra (1998) e lavelberg (2017) apresentam estudos que podem nortear o ensino do desenho atualmente, todas elas norteiam suas práticas embasadas nas reflexões apresentadas também em conformidade com outros autores que abordam o tema e que podem contribuir para um aprendizado inovador. Elas apresentam sugestões de práticas que podem modificar o ensino oferecido atualmente e libertar os docentes que estão presos numa prática tradicional e que muitas das vezes, por falta de formação pedagógica adequada ou por comodismo, acreditam que o aprendizado do desenho é adquirido por meio da repetição e da cópia de forma mecânica.

3.1.1 Práticas pedagógicas Inovadoras na evolução do grafismo

O professor como mediador do processo de aquisição do desenho na educação infantil deve refletir diariamente sobre como a criança aprende e, assim, se reinventar a cada dia na busca pela aprendizagem crítica, reflexiva e criativa dos alunos. Há diversas propostas de desenhos para as crianças pequenas que podem influenciar na construção do traçado, o docente deve atentar-se a preparação do ambiente e aos materiais e suportes que oferecerá a criança. A seguir, apresentamos algumas práticas aplicadas para estimular o desenvolvimento e autonomia do desenho infantil.

Desenho livre

É aquele que a criança faz sem a intervenção direta do docente e o tema ela mesma seleciona. O docente apenas oferece os materiais e suportes que podem ser bem diversificados e inovadores.

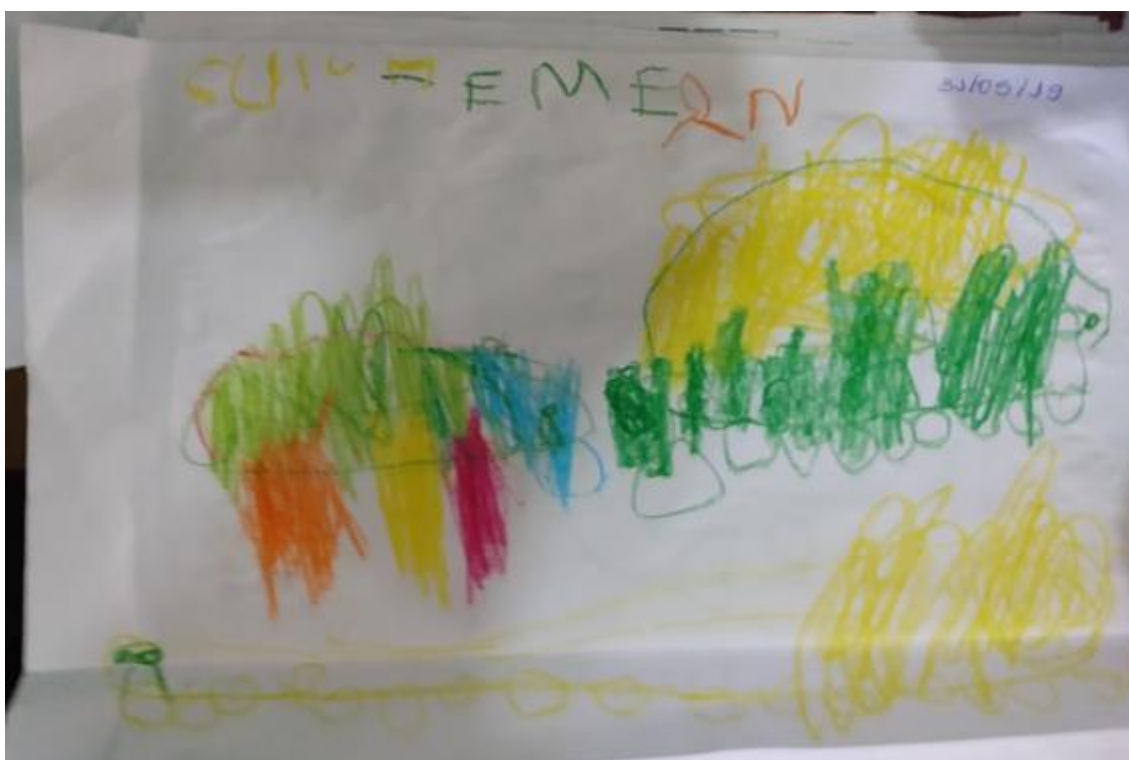


Figura 2 Desenho livre. Criança de 5 anos, Tam.100X150. 2019

Desenho de observação

O professor seleciona um tema baseado nas preferências das crianças, prepara um lugar visível para todos coloca o objeto exposto e distribui os materiais e suportes elas desenharam como percebem o objeto. Também se pode distribuir revistas para as crianças selecionarem imagens para fazer uma composição para em seguida desenhar.

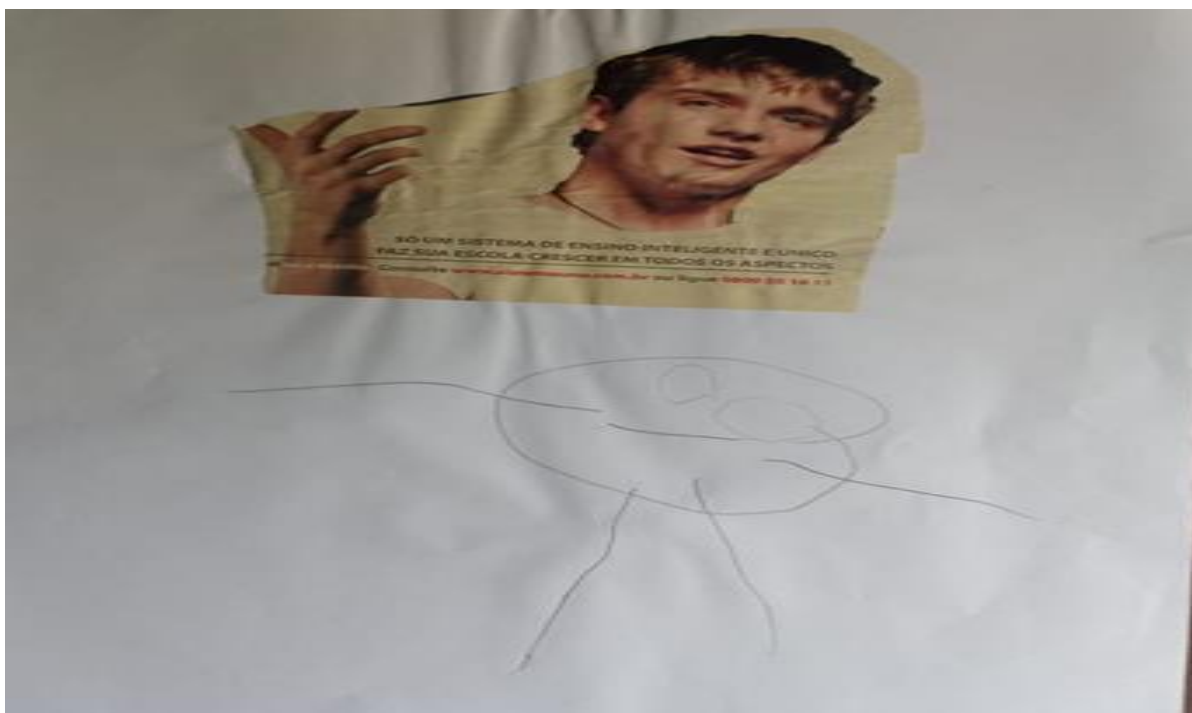


Figura 3 Desenho de observação. Criança de 4 anos, Tam.100X150. 2019

Desenho da imaginação

A criança pensa no objeto, nas coisas e os representam ou o professor mostra o objeto, contextualiza, depois esconde e solicita que a criança pense no objeto e em seguida faça o desenho.



Figura

4 Desenho da imaginação. Criança de 4/5 anos, Tam.100X150. 2019

Desenho de carimbo

A criança vai selecionar vários objetos que possuem texturas, os mesmos devem ser colhidos de acordo com sua preferência em ambientes variados para fazer o carimbo no suporte que pode ser papel e tinta, massinha, argila ou biscuit.



Figura 5 Desenho de carimbo. Criança de 5 anos, Tam.100X150. 2019

Desenho da sombra

O professor coloca os objetos compondo a cena próxima à luz do sol e a criança vai desenhar a sombra do objeto.



Figura 6 Desenho da sombra. Cátia, Tam.100X150. 2019

Desenho de autorretrato e retrato

O professor imprime a foto da criança no tamanho retrato cola na folha A3 ou A4 e a criança desenha seu autorretrato. A criança observa o coleguinha e desenha o retrato do mesmo. Contextualizando com as obras de artistas que trabalharam com retrato e auto retrato.



Figura 7 Desenho autorretrato e retrato. Painel afixado em sala de aula, Tam.100X150. 2019

Desenho de exploração

As crianças saem ao redor da escola colhendo materiais da natureza como folhas, gravetos, sementes. Depois monta uma escultura e desenha o que montou.



Figura 2 Desenho de exploração da natureza, criança de 5 anos. TAM. 100X150, 2019

3.1.2 Experiência docente

Sou professora de Educação Infantil há uns 10 anos gosto de incentivar bastante a linguagem do desenho. Quando me formei em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), surgiram inquietações em relação aos estímulos que o docente poderia ofertar para as crianças desta faixa etária. Então fui percebendo que a aprendizagem do desenho na educação infantil se dá à medida que a criança desenvolve a motricidade, amplia seu repertório visual e desenvolve a linguagem corporal.

No cotidiano da sala de aula a criança deve ter acesso a um leque de atividades que proporcionem efetivamente a aquisição destas capacidades e habilidades.

Para isso sempre proponho para os alunos atividades como: Manusear revistas escolher e recortar as imagens, em seguida fazer uma composição por meio de uma colagem e depois desenhar as cenas.

Explorar os espaços externos da escola para brincar no parquinho, desenhar com giz branco no pátio da escola, Correr, pular, dançar, andar e brincar com as brincadeiras da cultura popular como mímica, amarelinha, entre outras brincadeiras

que permitam a construção do desenho com o corpo. Depois podem desenhar as brincadeiras.

Brincar com a massinha, argila e biscuit explorando as formas bidimensionais e tridimensionais e fazer uma oficina de carimbo. (Juntar diversos objetos que possuem texturas e carimbar).

Explorar as diversas cores e formas. O aluno vai espalhar tinta guache nas formas geométricas, em seguida faz o carimbo no papel A4.

Conhecer e interagir com várias obras de diversos artistas da sua região e de outros lugares, para ampliar o repertório artístico e criar a sua obra a partir dos conhecimentos adquiridos.

Manusear sucatas e objetos de tamanhos variados comparando e caracterizando quanto à forma, a cor e a textura, depois fazer uma maquete da escola e da sala de aula.

Desenhar utilizando vários suportes como lápis de cor, canetinha, giz de cera. O Desenho livre deve ser uma prática diária e o professor pode selecionar um desenho por semana para colar no portfólio e observar a evolução do traçado da criança.

Desenhar em grupo. O professor cola o A3 no chão da sala de aula e divide a turma em grupo para fazer um desenho coletivo.

Fazer colagens com diversos materiais como grãos, folhas, papéis coloridos, rasgar revistas e jornais e fazer colagem, recortar revistas e jornais utilizando a tesoura.

Fazer dobraduras de animais, objetos e pessoas.

Ditado de desenho. O professor descreve as características do objeto, pessoa ou lugar. E a criança desenha.

Desenhar a partir da observação. A professora propõe um passeio próximo à escola com a turma para observar a natureza. Ao retornar para a sala de aula às crianças desenharam a paisagem observada.

A professora cria um cenário e expõe na sala e pede às crianças para observar as características como tamanho, forma, linhas... Em seguida desenhar a cena.

Ouvir diversas histórias que o professor vai ler ou contar em seguida fazer o reconto por meio de desenhos.

Desenho em movimento. O professor cola papel A3 no chão da sala distribui o giz de cera, canetinhas e coloca uma música de vários estilos depois solicita que as crianças desenhem. Em seguida, vai trocando o ritmo da música.

São diversos os desafios no ensino aprendizagem do desenho infantil que proporcione um aprendizado inovador contemplando a formação do cidadão crítico e criativo. Um deles é o desafio de promover um ensino que permitam que os alunos construam seu aprendizado de forma autônoma sem as interferências dos desenhos prontos e/ou estereotipados.

Por isso devemos buscar sempre nos atualizar para proporcionar um ensino mais atualizado com metodologias contemporâneas e contribuir efetivamente com o desenvolvimento integral do sujeito.

5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa se refletiu acerca do desenvolvimento do grafismo de crianças de 4 a 5 anos na Educação Infantil e como nas aulas de arte esse grafismo vem sendo trabalhado e estimulado na sala de aula. É bastante pertinente que o docente conheça os discentes desta faixa etária, o meio em que estão inseridos, as preferências de cada um, que entendam a história, a cultura para assim criar suas metodologias de estímulo da evolução gráfica para esta faixa etária.

Por meio deste estudo foi possível compreender que é preciso abolir os desenhos prontos e/ou estereotipados nas aulas de Artes para apropriar-se de práticas contemporâneas que estimulem a criatividade e o desenvolvimento do raciocínio visual. Apresentou algumas sugestões de práticas de ensino de desenho para que o aprendizado se dê de forma criativa

O professor e pesquisador em Arte devem ficar atentos às inovações no ensino se inserindo em atividades que envolvam diversas manifestações artísticas, visitar museus, galerias, participar de debates, conferências para ampliar seu capital cultural e desenvolver aptidões para ofertar um ensino atualizado com base na tendência crítico social dos conteúdos no intuito de formar cidadãos críticos e ativos para a sociedade, abstendo-se de práticas conteudistas e mecânicas.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Do Desenho in Aspectos das artes plásticas no Brasil. São Paulo: Martins Fontes: 1965. Disponível em:

<https://archive.org/details/ANDRADEMarioDe.DoDesenho> Acesso em 14.05.19.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf acessado em 17 de novembro de 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 19 jun. 2019.

COELHO, Rodrigo Borges. O Desenho ou a vontade do seguinte. In: Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 2. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009. p.51-56.

DERDIK, Edith (Org.) Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Senac, 2007.

DERDIK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil 2ª.ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. Metodologia do Ensino de Arte - Fundamentos e Proposições - Maria Heloisa C. de T. Ferraz, Maria F. de Rezende Fusari- 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FRONER, Yacy-Ara. Pesquisa em/sobre ensino de Artes Visuais. In PIMENTEL, Lucia Gouvêa; FRONER, Yacy-Ara (orgs.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. p. 70-79.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf

IABELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

IABELBERG, Rosa. Desenho na Educação Infantil. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013a

JULIANA gouthier, história do ensino da arte no brasil. a trajetória do ensino da arte no brasil, desde a chegada dos jesuítas às práticas contemporâneas. curso de especialização em ensino de artes visuais a distância – vol. 1.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1984.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Teles. Didática para o ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MÈREDIEU, Florense de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOREIRA, Ana angélica albano. **o espaço do desenho; a educação do educador**. 8ª ed. são paulo; edições loyola, 1991

VIANNA, Maria Letícia Rauen. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69343&>. Acesso em: 29 maio. 2019.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus.